



A ABORDAGEM DAS QUESTÕES DE GÊNERO NO ENSINO DE GEOGRAFIA – DIÁLOGO COM PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Juliana Mendes de Moraes ¹

RESUMO

As discussões referentes às questões de gênero no ensino de Geografia ainda procuram espaço de consolidação na linha de ensino e aprendizagem. Baseando-se nos pressupostos das Geografias Feministas, questiona-se as fundamentações teóricas desta ciência, com argumentos que possibilitam pensar a abordagem de gênero por outras premissas. Neste sentido, este artigo apresenta uma construção coletiva entre pesquisadora e professoras de Geografia da Rede Municipal de Educação de Goiânia de percursos didáticos em que se torne possível outra abordagem no ensino. Com a realização de entrevistas e acompanhamento do processo de elaboração, elaborou-se três percursos didáticos que dão destaque ao gênero articulado às práticas espaciais cotidianas nos conteúdos de ensino deste componente curricular.

Palavras-chave: Gênero; Ensino de Geografia; Professoras de Geografia; Conteúdos de ensino; Práticas espaciais cotidianas.

ABSTRACT

The questions on gender aspects in geography teaching still need to be consolidated in the teaching and learning field. Starting from the postulates of Feminist Geographies, the theoretical foundations of this science are questioned, with arguments that make it possible to think the approach to gender through other theses. In this sense, this article presents a collective construction between researchers and geography teachers from the Rede Municipal de Educação of Goiânia of didactic processes in other approaches in teaching becomes possible. Based on the interviews and observation of the elaboration process, three didactic processes have elaborated that focus on gender as it relates to everyday spatial practices in the instructional content of this curriculum component.

Keywords: Gender; Geography Teaching; Geography Teachers; Teaching Contents; Everyday Spatial Practices.

INTRODUÇÃO

Alguns debates e temas vêm ganhando destaques em quase todos os componentes curriculares obrigatórios na Educação Básica, reconhecendo a urgência e relevância em pensa-los no contexto de ensino. Neste sentido, enfoca-se a categoria gênero na Geografia, enfatizando-a a sua importância para a formação de sujeitas/os autônomas/os e conscientes, para a compreensão da realidade em que estão inseridas/os.

¹ Mestranda do Programa de Pós Graduação em Geografia pelo Instituto de Estudos Socioambientais (UFG), da Universidade Federal de Goiás- UFG, e professora de Geografia da Rede Municipal de Educação de Goiânia, julimendesdemorais@outlook.com



Inferre-se que esta categoria ou é pouco explorada nas aulas, ou, quando explorada, carece de uma discussão a partir de suas espacialidades nos conteúdos de ensino.

Para tanto, parte-se das contribuições das Geografias Feministas (MONK e HANSON, 2016; SILVA, 2009, 2014; entre outros) para fundamentar as reflexões e proposições para abordar de maneira as relações de gênero. Tudo isto em diálogo e em colaboração com professoras de Geografia da Educação Básica da Rede Municipal de Educação de Goiânia (RME). As proposições deste campo são fundamentais para questionar as fundamentações desta ciência: indagar o aspecto material da análise do espaço geográfico, afirmar que sujeitas/os se relacionam de maneira diferenciada nos lugares e na constituição de suas práticas espaciais cotidianas e, inserir outros elementos metodológicos para as pesquisas.

Isto posto, realizou-se uma pesquisa articulando a participação de professoras/es da Educação Básica para uma construção coletiva de conhecimentos considerando as relações de gênero em seus conteúdos. Pensa-se, para isto, na construção de uma comunidade de aprendizagem proposta por hooks (2013). Por meio de entrevistas e acompanhamento do processo de elaboração de percursos didáticos, com a participação três professoras de Geografia da Rede Municipal de Educação de Goiânia, se tornou central na proposição de mediações didáticas a respeito da temática.

Discute-se, então, os conhecimentos/saberes destas professoras a respeito do gênero no ensino, contribuindo na elaboração de proposições didáticas que auxiliem na mediação de conteúdos sobre o assunto na escola. Ressalta-se que as discussões referentes a gênero no ensino de Geografia deve ser entendido como um processo de ocupar espaços e, também, a demarcação de um posicionamento político nesta ciência. Isto porque se reconhece algumas ausências, invisibilidades e silêncios (SILVA, 2009) a respeito da temática que ainda reverbera no conhecimento geográfico produzido e divulgado.

O presente artigo aborda: a metodologia da pesquisa, com detalhe quanto ao processo de elaboração dos percursos didáticos; os referenciais teóricos que importantes para orientar as discussões necessárias; e, por fim, apresentam-se os elementos elaborados com as professoras de Geografia. Um aspecto se destacou durante a pesquisa foi a constatação de um distanciamento da escola e da universidade e, também, a necessidade de formações que abordem esta temática.



METODOLOGIA

Recorreu-se a abordagem qualitativa no contexto educacional (LÜDKE e ANDRE, 1986) por entender melhor adequação ao objetivo proposto. Para tanto, realizou-se entrevistas semiestruturadas com cinco professoras de Geografia, realizadas no segundo semestre de 2020 e, a observação participante durante o primeiro semestre de 2021. Esta observação foi importante para acompanhar o processo de planejamento e elaboração das sequências didáticas com as docentes participantes. Tudo isto em meio à pandemia de Covid-19 que alterou a rotina e o cotidiano das escolas e que reverberou significativamente na realização da pesquisa aqui discutida.

Neste contexto, utilizou-se ‘*softwares*’ para a realização das entrevistas e para o acompanhamento da elaboração das propostas didáticas com as participantes. Contou-se, ainda, com as proposições de Bardin (2010) para a análise dos conteúdos para a identificar os conhecimentos das professoras sobre gênero no ensino de Geografia. A partir das transcrições e anotações realizadas durante as entrevistas, estabeleceram-se categorias e inferências para as análises posteriores que foram fundamentais para a elaboração de sequências didáticas.

Com elas identificaram-se algumas limitações quanto ao entendimento do assunto, assim como as potencialidades para tratamento didático da temática nas escolas. Este processo foi fundamental para apreender o entendimento das professoras sobre gênero, os conteúdos de ensino potenciais para a sua abordagem e os limites em relação à compreensão espacial da categoria. Destaca-se que as professoras entrevistadas são mulheres, licenciadas em Geografia, atuam em escolas da rede pública de ensino e com muito tempo de experiência na docência, variando entre 18 e 23 anos.

Com as proposições de Flick (2009) acerca da observação participante, a partir de objetivos definidos para os acompanhamentos realizados, foi possível que a pesquisadora atuasse como mais um membro participante do processo de elaboração das propostas didáticas. Assim, de posse dos elementos identificados nas entrevistas e, com anotações prévias no caderno de campo, cada reunião/encontro era marcada em momentos para não sobrecarregar as professoras participantes, que foi reduzido para três nesta etapa, em relação às demais atividades que as mesmas estavam realizando.



Pode-se inferir que esta etapa se converteu em um momento formativo para as elas, dado que para algumas professoras, a temática se convertia em uma novidade no ensino, considerando aqui o processo formativo das mesmas. Isto posto, o estudo de parte da bibliografia aqui citada foi fundamental para se pensar em outros modos de abordar o gênero no ensino de Geografia. Ao final de todas as reuniões foram elaborados três percursos didáticos sobre o tema em discussão, que serão aqui apontados e brevemente discutidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Compreende-se que esta temática, principalmente em sua relação com a linha de ensino e aprendizagem, se torna um significativo demarcador de espaço político na Geografia Escolar a partir do destaque dado. Assim, corrobora-se a pertinência de pesquisas que considere o gênero como elemento relevante para o entendimento de que as/os sujeitas/os de diferentes identidades/identificações de gênero se situam, ou se posicionam, de forma diferenciada no mundo e nas relações estabelecidas com os lugares (SILVA, 2003; MACHADO, 2016). Defende-se, deste modo, que podem ser inseridas nos conteúdos de ensino deste componente curricular na Educação Básica, desde que as/os professoras/es tenham um entendimento acerca do tema.

Para estabelecer os delineamentos teóricos e metodológicos, assim como se pensar nas possíveis abordagens para o ensino, levantou-se no Catálogo de Teses e Dissertações da Plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e em trabalhos anteriores (SILVA *ET AL.*, 2013; FARIA, 2018) o tema em programa de pós-graduação em Geografia entre os anos de 2007 e 2018. Foram encontrados 12 pesquisas, entre teses e dissertações, que articulam gênero, sexualidade, escola e ensino de Geografia, o que justifica a necessidade da discussão por ora apresentada.

Neste levantamento, além da pequena quantidade de pesquisas encontradas, há que se considerar também as universidades em que as mesmas foram realizadas. Em consonância com Silva *et al.* (2013) e Faria (2018) têm-se: quatro dissertações vinculadas à Universidade Federal de Goiás (UFG), em seus campus de Goiânia e



Catalão²; três da Universidade Federal de Rondônia (UNIR); e, por fim, duas dissertações da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Foram encontrados ainda duas dissertações, na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e outra na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e, uma tese na Universidade de São Paulo (USP). De todo modo, as três primeiras universidades citadas se configuram como importantes centros de pesquisa sobre o assunto, mesmo se situando fora dos grandes e tradicionais centros do país.

Isto pode ser um importante indicativo de como ainda há pouca permeabilidade deste tipo de discussão nas universidades brasileiras, assim como no desenvolvimento de pesquisas acerca da temática. Silva *et al.*(2013), César (2015), Faria (2018) e Lindo (2021) cartografaram, de maneira sistematizada, investigações geográficas no país, mostrando que mesmo com o crescimento nas produções ainda há uma longa trajetória a ser construída e consolidada. Ao pensar este aspecto no contexto educacional, os desafios se tornam ainda maiores, tanto para pensar a pesquisa quanto o ensino nas escolas da Educação Básica.

Deste modo, ao considerar este ponto e em conversas com professoras da RME de Goiânia, depreende-se que as questões de gênero nos conteúdos de Geografia ainda são vistas como uma novidade para muitas/os docentes que estão atuando em sala de aula a depender da forma de abordagem. Isto pode ser um aspecto que dificulte a sua inserção de modo a conseguir a proposição de outras interpretações, interpelações e olhares para esta temática. Aliado a isto, tem também a questão do processo formativo, como tão bem argumentou Faria e Ratts (2017) e Faria (2018), que em muitos casos não abordam o tema nas diferentes disciplinas oferecidas.

Ressalta-se, contudo, que após a implementação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n.º 9.394/1996, e com o processo de redemocratização do país, temáticas como esta comparecem em documentos e normativas legais. Assim cita-se os Parâmetros Curriculares Nacionais, tanto do componente de Geografia quanto os temas transversais, destacando o de Orientação Sexual, que traziam discussões sobre o tema.

Ao ponderar diante deste cenário, alguns referenciais teóricos foram, e continuam sendo, relevantes para fundamentar os argumentos sobre a pertinência de outro tratamento didático a respeito das relações de gênero no ensino. Desta forma,

² Atualmente, não está mais vinculado à UFG, pois se tornou a Universidade Federal de Catalão (UFCAT).



destaca-se: os aportes das Geografias Feministas (SILVA, 2009, 2014, entre outros autores), que questionou o *status* epistemológico da Geografia; as proposições e entendimentos de Massey (2000, 2008) quanto ao espaço e ao lugar, centrais para pensar nas relações estabelecidas das/os sujeitas/os; as discussões referentes a gênero e o espaço urbano (SILVA, ORNAT, 2007; MACHADO, 2016; KERN, 2021), visando auxiliar as professoras quanto as articulações para se pensar as práticas espaciais cotidianas na cidade e no bairro; os estudos de Tonini (2002) e Faria (2018) a respeito do assunto no ensino deste componente curricular, a primeira a respeito do livro didático e o segundo sobre as concepções de professoras/es acerca do gênero e da sexualidade; e, por fim, Cavalvanti (2014, 2019), que forneceu elementos para fundamentar a elaboração dos percursos didáticos com as professoras.

Tudo isto sem perder de vista o papel delas na pesquisa, principalmente no que se referiu ao entendimento acerca de como o gênero ainda é abordado nas aulas e nos conteúdos de ensino de Geografia, que permitiu na identificação dos limites e das dificuldades acerca do tema na educação. hooks (2013) ao argumentar a respeito da constituição de uma comunidade de aprendizagem, contribuiu com elementos necessários para interpelar a Geografia Escolar e a conduzir as reflexões teóricas fundamentais para a elaboração das proposições didáticas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de discutir parte dos resultados obtidos pela pesquisa, convém apontar o atravessamento da Covid-19 nas rotinas e no cotidiano escolar, mas não somente restrito a este espaço, que afetou professoras/es, estudantes e comunidade escolar. A suspensão de aulas nas redes de ensino; as aulas remotas ou híbridas, que não atingia a todas/os; a sobrecarga de trabalho das professoras; a fronteira entre o público e o privado que ficaram borradas neste período. Tudo isto alterou significativamente os caminhos da pesquisa.

Neste sentido, as ações que foram planejadas para ocorrer no espaço escolar tiveram que ser redimensionadas, de modo a evitar qualquer contato com as participantes. Tudo foi feito a partir de aplicativos, como o *Google Meet*, que permitiu gravar as entrevistas para posterior análise e discussão. Neste artigo, serão discutidas as sínteses de três questões que foram realizadas no segundo semestre de 2020 para as



cinco docentes. Elas versam sobre o entendimento a respeito do gênero, como o assunto era tratado nas escolas e quais os conteúdos de ensino que a temática poderia ser abordada em Geografia.

As entrevistas indicaram como as questões de gênero são ainda abordadas nas aulas de Geografia e na escola, destacando os entraves e as possíveis discussões nos conteúdos por outra perspectiva, em consonância com os aportes das Geografias Feministas. Aqui, se apresenta, de maneira sintética, os aspectos evidenciados nas falas das professoras:

- a) o entendimento da categoria gênero a partir das diferenças biológicas e sexuais dos corpos, enfatizando a binaridade homem/mulher, mesmo que durante as entrevistas e as reuniões de acompanhamento este aspecto foi ampliado, ao incluírem outras possibilidades quanto às identidades de gênero, que não são tão fixas;
- b) a complexidade do assunto nas escolas, principalmente diante do contexto atual de policiamento e do uso do termo “Ideologia de Gênero”, que causa medo e receio nas professoras. Esta complexidade deve ser compreendida em face a pouca formação, inicial e continuada, e o pouco conhecimento sobre o tema, dificultando encontrar possíveis saídas e outras possibilidades de tratamento pedagógico nos conteúdos de ensino;
- c) a relação quase imediata das professoras quando se relaciona gênero ao componente curricular de Ciências da Natureza, no caso do Ensino Fundamental, e Biologia, no caso do Ensino Médio;
- d) a identificação de conteúdos potenciais para a abordagem ainda alinhada aos estudos populacionais, tanto a brasileira quanto a mundial e, também, o mundo do trabalho. Quanto a este último aspecto, o diálogo com os argumentos de Tonini (2002) foram fundamentais para entender estas permanências em conteúdos sobre o tema.

Apresentou-se, portanto, um desafio, tanto para a pesquisadora quanto para as professoras: elaborar uma proposta didática em que o gênero se relacione com as práticas espaciais cotidianas, de estudantes das escolas em que as docentes atuam ou não, de modo a destacar a dimensão espacial das relações estabelecidas, apesar do contexto pandêmico vivenciado entre os anos de 2020 e 2021. Por esta perspectiva, as proposições de Christán (2020) foram fundamentais para articular estes dois aspectos. Para esta autora, a prática espacial cotidiana é uma dimensão do conhecimento prático



de professoras/es e que são potenciais para o ensino de Geografia, articulando-a aos conteúdos de ensino.

Foi a partir desta perspectiva que se articulou o tratamento didático-pedagógico com este entendimento: as/os sujeitas/os vivem a/na cidade, se deslocam, dão outros sentidos e usos para os lugares, criam laços, se sentem acolhidos ou intimidados, tudo isto por atravessamentos do gênero e das relações de gênero. Compreende-se, também, que outros marcadores sociais da diferença como raça, etnia, classe, geração podem, e devem, ser considerados nas análises geográficas, contribuindo para o processo educativo de cidadãs e cidadãos autônomos e conscientes em relação a sua realidade socioespacial.

Com os elementos destacados durante as entrevistas, ocorreram-se reuniões virtuais com as professoras para apresentação e discussão da proposição de Cavalcanti (2014, 2019) para a elaboração dos percursos didáticos, a partir dos seguintes elementos: Problematizar – Sistematizar – Sintetizar. Tudo isto realizado de maneira virtual, considerando a observação participante como norteadora do processo (FLICK, 2009), com pautas estabelecidas para as discussões e anotações em caderno de campo. Estes momentos permitiram uma elaboração conjunta, entre as docentes e a pesquisadora, de três propostas referentes ao tema, que ao menos vislumbra alternativas aos limites apontados acima.

No decorrer deste processo também notou-se a dificuldade em se articular um entendimento das espacialidades tendo as relações de gênero como um elemento fundamental para se pensar o espaço e os lugares da cidade, com Massey (2000, 2008) como importante referência para se pensar estes conceitos. Ao retornar ao sentido global do lugar proposto por esta autora, o compreendendo “a partir de uma constelação de relações sociais, que se encontram e se entrelaçam num *locus* particular” (MASSEY, 2000, p. 184. Grifo da autora) para o caso aqui discutido, nota-se as articulações mediante as informações trazidas pelas professoras em que se torna possível tratar o gênero em sala de aula por outra perspectiva.

É pensar nas relações que são estabelecidas com os e nos lugares do bairro, da cidade, os deslocamentos realizados, tudo isto enfatizando o gênero, construindo um entendimento do espaço como um “produto de inter-relações”, da existência da multiplicidade e “sempre em construção” (MASSEY, 2008). Assim, se entende a preocupação das docentes, no momento de elaborarem os percursos, em trazer a



realidade vivenciada e experimentada de suas/es estudantes, como uma maneira de motivá-las/os para uma possível aula a partir dos elementos estabelecidos e planejados conjuntamente. Ter este aspecto em destaque é importante uma vez que as ações a as práticas pedagógicas devem, ou ao menos deveriam considerar o cotidiano de seus estudantes, afinal o ensino deve ter relação com a sua realidade.

As três propostas elaboradas versam sobre: a) as práticas espaciais cotidianas de estudantes pelo bairro e pela cidade; b) as práticas espaciais de mães adolescentes; e, por fim, c) os movimentos feministas na América Latina. A proposta “b” se articula com um projeto já realizado por uma professora na escola onde atua, com o foco da gravidez na adolescência. A preocupação quanto ao acesso e à permanência de estudantes grávidas nas escolas foi fundamental para a formatação de sua proposição. Ela foi elaborada pensando nas relações de gênero e nas práticas espaciais cotidianas como foco, visando compreender quais as consequências deste processo na vida das jovens que se tornam mães em seu direito à cidade e as práticas então empreendidas.

A este respeito, Kern (2021) discute, a partir de experiências pessoais e de estudos realizados, que a cidade, pensada e planejada por homens, não reflete acerca de alguns aspectos fundamentais para mulheres, cis ou trans e, também, as mães. A autora, ao trazer para o debate a maternidade, questiona o transporte público, os deslocamentos múltiplos realizados, o acesso ao banheiro público, a inconveniência do seu corpo no espaço dentre outros pontos que devem ser considerados. A respeito do planejamento, se destaca o seguinte: “Questões sobre gênero, sexualidade e famílias são tipicamente vistas como algo fora do quadro técnico e racional atribuído à prática de planejamento” (KERN, 2021, p. 114) que, de certo modo, se refere ao modo como se pensa e se faz a Geografia.

Um ponto merece atenção: tratar o gênero em outros conteúdos de ensino, que não somente aqueles relacionados aos estudos populacionais e ao mundo de trabalho, ainda se configura um desafio a ser enfrentado. Isto porque durante todo o processo de elaboração dos percursos didáticos as professoras ressaltavam esta dificuldade, em pensar as relações de gênero em sua dimensão espacial. Por isto que o diálogo, as leituras, as conversas, as dúvidas esclarecidas, o tempo destinado aos encontros e às reuniões foram essenciais para o estabelecimento de laços e de compartilhamento de conhecimentos sobre a temática. Isto é fundamental para o fortalecimento da relação universidade-escola.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apresentou-se, aqui, somente uma parte da pesquisa realizada com destaque a uma ação conjunta entre pesquisadora e professoras de Geografia da RME de Goiânia para a elaboração de percursos didáticos para o sobre o gênero em sala de aula. No decorrer do desenvolvimento da pesquisa alguns aspectos se tornaram evidentes referentes às práticas pedagógicas de docentes, principalmente quanto a um tema complexo como este.

Um destes aspectos se refere, inevitavelmente, ao contexto atual vivenciado no Brasil quanto às discussões a respeito do gênero e sexualidade no contexto educacional. As referências implícitas à “Ideologia de Gênero” compareceram nas falas das professoras participantes da pesquisa. Deste modo, entende-se perfeitamente os medos e receios delas no decorrer das entrevistas, assim como nas reuniões para a elaboração dos percursos didáticos aqui citados, quando se discutia o tema proposto da pesquisa.

Outro aspecto notado é que as questões de gênero no ensino de Geografia ainda necessita uma maior reflexão teórica e metodológica para a construção e a proposição de caminhos possíveis em sala de aula. Deste modo, o tempo dispensado às reuniões e aos encontros virtuais foram fundamentais para que o mínimo referente ao assunto fosse disponibilizado e discutido com as professoras participantes. Aqui, as inquietações propostas pelas Geografias Feministas quanto ao *status* epistemológico desta ciência, contribuiu para orientar esta investigação, assim como os percursos didáticos elaborados.

Aqui, convém ressaltar que não foi possível, ainda, a realização de nenhuma das sequências elaboradas, em virtude das limitações da rotina escolar neste período, nas escolas da RME de Goiânia. Isto porque em todas as propostas elaboradas requeriam um contato com pessoas diversas, circular pelo bairro e pela cidade, atividades em grupo que estão limitadas, mesmo considerando o retorno, de maneira híbrida, às escolas, neste momento, no segundo semestre de 2021.

Depreende-se, também, que o gênero sempre esteve presente nesta ciência, seja pelos corpos daquelas/es que a produzem, seja pela presença de um sujeito universal nas elaborações teóricas, seja no ensino a partir dos estudos populacionais. Autoras como Massey (1994) e Silva (2009) apresentam boas discussões a este respeito, contribuindo



para se pensar, sobretudo, em quem produz e divulga conhecimento da Geografia. Deste modo, o que se pretendeu e, ainda se pretende, é tensionar estas posicionalidades e propor, em colaboração e articulação com professoras/es da Educação Básica, outras perspectivas para o ensino, visando novas ferramentas para a compreensão do espaço geográfico. Isto porque o nosso olhar geográfico é construído e elaborado de acordo com as experiências e com as teorias disponibilizadas, produzidas por sujeitas/os com marcadores sociais da diferença, como o gênero. Portanto, ainda há muito a ser feito.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa/Portugal: Edições 70, 2010.

CAVALCANTI, Lana de Souza. A metrópole em foco no ensino de Geografia: o que/para que/para quem ensinar? In: PAULA, Flávia Maria de Assis; CAVALCANTI, Lana de Souza; SOUZA, Vanilton Camilo de. (Ogrs). **Ensino de geografia e metrópole**. 1. Ed. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2014. p. 27-41.

_____. **Pensar pela Geografia: ensino e relevância social**. Goiânia: C&A Alfa Comunicação, 2019.

CHRISTAN, Patrícia. **A prática espacial cotidiana na cidade e a prática pedagógica no ensino de Geografia**. 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Estudos Socioambientais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

FARIA, Ruan Pinheiro do Nascimento. **Concepções de Gênero e Sexualidade no ensino de geografia em escolas públicas de Goiânia, Goiás**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2018.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. Tradução Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LINDO, Paula. O mapa da pesquisa de gênero na Geografia Brasileira (2010 a 2019): sistematização e análise. **Revista da ANPEGE**. v. 17. n.º. 32, p. 259-281, ANO 2021. Disponível em <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/12488/0> Acesso em 02/08/2021.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.



MACHADO, Talita Cabral. **A cidade das mulheres feministas: uma cartografia de Goiânia em perspectiva interseccional e da diferença** – Tese [Doutorado], Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais, Programa de Pós Graduação em Geografia, Goiânia, 2016.

MASSEY, Doreen. **Space, place and gender**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1994.

_____. Um sentido global do lugar. In: ARANTES, Antônio. A. (Org). **O espaço da diferença**. Campinas, SP: Papyrus, 2000. p. 176-185.

_____. **Pelo espaço – uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MONK, Janice; HANSON, Susan. Não excluam metade da humanidade da geografia humana. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Orgs.). **Geografias Feministas e das Sexualidades: encontros e diferenças**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2016. p. 31-54.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. In: **Revista de História Regional** 8(1): Verão, 2003. p. 31-45.

_____. Ausências e silêncios do discurso geográfico brasileiro: uma crítica feminista à geografia eurocêntrica. In: SILVA, J. M. (Org) **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009a. p. 55-91.

_____. Gênero e espaço: Esse é um tema de geografia? In: AZEVEDO, Daniel Abreu de; MORAIS, Marcelo Alonso (Orgs). **Ensino de Geografia: novos temas para a geografia escolar**. 1. Ed. Rio de Janeiro: Consequência, 2014. p. 97-125.

SILVA, Joseli Maria, e ORNAT, Marcio. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa – Paraná. In: **Revista de História Regional** 12(1): Verão, 2007. p. 175-195.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CESAR, Tamires Regina Aguiar de; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista; PRZYBYSZ, Juliana. O corpo como elemento das geografias feministas e queer: um desafio para a análise no Brasil. In: SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio José; CHIMIN JUNIOR, Alides Baptista (Org). **Geografias Malditas: corpos, sexualidades e espaços**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2013. p. 85-142.

TONINI, Ivaine Maria. **Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia territorial dos livros didáticos de Geografia**. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.